



# Considerações acerca da Desterritorialização da Antiga Matriz da Sé de São Paulo | Karin Philippov

*Pós-Doutoranda em Artes Visuais LA-UNESP | philippov@uol.com.br*

**Resumo:** Até chegar a atual conformação da Catedral da Sé de São Paulo, a matriz passou por sucessivas reformas que proporcionaram a conseqüente territorialização e desterritorialização de seu conjunto, processo esse que envolve tanto sua estrutura arquitetônica, quanto seus bens móveis sacros, aqui exemplificados por seus retábulos, esculturas e pinturas, que são transferidos para os Museus de Arte Sacra de São Paulo e Paulista da Universidade de São Paulo, bem como para outras igrejas paulistanas. Considerando-se, então, sua demolição no ano de 1912, para que a atual catedral tivesse sua construção iniciada, observa-se ainda na mudança de endereço do templo uma nova conformação territorial, abrangendo a nova orientação espacial da própria fachada, que passa a ser voltada para a Sé de Roma, estabelecendo, portanto, um vínculo importante com os preceitos Ultramontanos, dos quais a Igreja se torna tributária, ao implantar não apenas a arquitetura neogótica, como também novas conformações visuais para esculturas, pinturas e retabulística atreladas aos mesmos preceitos. Portanto, o presente artigo visa analisar esse processo de territorialização e desterritorialização, problematizando-o dentro de uma perspectiva patrimonial eclesiástica ocorrida na cidade de São Paulo, na virada do século XX.

**Palavras-chave:** Catedral da Sé; Territorialização; Patrimônio; Arquitetura Neogótica; Igreja Ultramontana

## **Considerations about the Deterritorialization of the São Paulo's Old Mother Church.**

**Abstract.** Until arriving at the present conformation of the Sé Cathedral of São Paulo, the Mother Church underwent through successive reforms that provided with the consequent territorialization and deterritorialization of its complex. This process involves both its architectonic structure and its sacred movable assets, here exemplified by its retables, sculptures and paintings, that are transferred to the São Paulo Sacred Art Museum and to The Paulista Museum of the University of São Paulo, as well as to other Paulista churches. Thus, considering its demolishing in 1912 for the present Cathedral to be built, one yet observes the changing of address of the temple, a new territorial conformation, which encompasses the new façade orientation to the Vatican, in Rome. This establishes, furthermore, an important connection with the Ultramontane precepts, of which the Church becomes tributary, by implanting not only the Neogothic architecture, but also brings new visual conformations to sculptures, paintings and retables drawn to the same precepts. Furthermore, the present paper aims at analyzing this territorialization and deterritorialization process, by problematizing it into an ecclesiastical patrimony perspective occurred in the city of São Paulo, at the turn of the 20th century.

**Key-Words:** Sé Cathedral; Territorialization; Patrimony; Neogothic Architecture; Ultramontane Church



### Introdução:

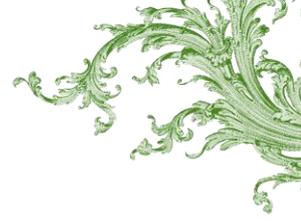
A atual Catedral Metropolitana da Sé de São Paulo, somente concluída após a década de 1970, após inúmeros atrasos, interrupções e incertezas causadas por duas guerras mundiais, entre 1914-1918 e 1939-1945, duas revoluções, em 1924 e 1932, crise do café de 1929 e gripe espanhola de 1918, possui uma longuíssima história que começa no século XVI, quando os 140 habitantes não indígenas que aqui viviam assinam uma petição pedindo à Coroa portuguesa a construção de uma igreja matriz, no ano de 1588. Ao longo dos séculos, então, a antiga matriz construída em taipa e arquitetura colonial passa por sucessivas reformas e reconstruções até sua demolição definitiva, no ano de 1912. O presente estudo visa analisar os sentidos da territorialização e da desterritorialização dessa construção no centro histórico de São Paulo, compreendendo os mecanismos desse processo, que englobam a “iconoclastia de substituição do edifício”<sup>1</sup>, que da linguagem colonial em taipa passa à arquitetura neogótica.

Assim, observa-se um contínuo processo de territorialização e desterritorialização na história de longa duração da Catedral da Sé, processo esse de renovação da memória patrimonial do templo monumento de fé. Mas como esse processo ocorre e por quê? Quais os sentidos dessa transformação? Em primeiro lugar, é necessário que se percebam os meandros históricos, políticos e teológicos dessa história para que se compreendam seus sentidos.

O histórico da construção, primeira parte desse estudo, traz detalhes do processo de territorialização e desterritorialização da matriz, em um caminho que parte da taipa colonial à catedral neogótica atual. Nesse processo de longa duração, investigam-se os mecanismos iconoclastas de substituição da antiga matriz, a fim de ressaltar questões relativas à construção da cidade de São Paulo, partindo-se da Vila de São Paulo de Piratininga até a atual cidade, sede da Arquidiocese desde 1908, quando Dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938)<sup>2</sup> se torna o primeiro arcebispo da cidade.

A segunda parte contribui analisando os meandros dessas transformações, ocorridas não apenas no templo, como também na tipologia imagética de suas representações. Buscam-se compreender os mecanismos das transformações histórico-políticas e teológicas pelas quais a matriz passa até chegar a Catedral da Sé, ou seja, de uma construção em taipa oriunda do momento do Padroado, passa-se à Reforma Ultramontana ocorrida na Primeira República, momento em que Dom Duarte busca alinhar a Igreja ao Estado na projeção da inauguração da catedral no ano de 1922, centenário da Independência do Brasil, fato que não ocorre.

A terceira e última parte do presente estudo revela a desterritorialização e territorialização de alguns dos bens móveis da antiga matriz, a fim de revelar aspectos das transferências dos mesmos para o Museu de Arte Sacra de São Paulo, antigo Museu da Cúria<sup>3</sup>, e para o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, além da Igreja da Imaculada Conceição dos Capuchinhos, construção de arquitetura



revivalista/historicista, que recebe o retábulo-mor da antiga matriz, após reforma e readequação.

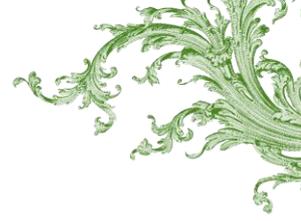
### **Histórico da Construção:**

No ano de 1588, 34 anos após a fundação da Vila de São Paulo de Piratininga, em 1554, pelos jesuítas, os 140 habitantes não indígenas do pequeno arrabalde assinam uma petição à Coroa portuguesa<sup>4</sup>, para que tivessem uma igreja matriz que não pertencesse aos clérigos jesuítas<sup>5</sup>. Aliás, na contagem dos 140 habitantes da vila incluem-se os próprios jesuítas<sup>6</sup>. A ideia da construção da matriz surge não apenas da necessidade de se ter uma igreja aberta à população local, como também visa estimular o crescimento e o desenvolvimento econômico e populacional da vila naquele momento, pois era necessário incrementar o contingente populacional da vila para que os indígenas perdessem poder e território diante dos portugueses. A implantação de uma matriz, nesse contexto, permite a territorialização e a articulação do espaço urbano, embora ainda incipiente no século XVI.

Assim, em 07 de fevereiro de 1588, surgem as primeiras ideias da construção da matriz e da vinda de um pároco para administrar os sacramentos<sup>7</sup>. Entre muitas idas e vindas de um longo processo, somente dez anos mais tarde, em 1598, a matriz começa efetivamente a ser construída, sem a participação dos jesuítas, por esses estarem envolvidos no controle dos indígenas aprisionados em guerras violentas, tanto pelos jesuítas, quanto pelos portugueses aqui residentes. Nesse arco temporal de dez anos, a matriz passa por construções e reconstruções, além de receber seu primeiro pároco efetivo, Padre Lourenço Dias Machado, que chega em 1591. O pároco é responsável pela construção do altar-mor da matriz e, por não receber a cônica a que tinha direito, abandona o posto voltando para Portugal dois anos mais tarde, após várias discussões com a Coroa, que o ignora por completo. Salientam-se, ainda, as precárias condições de falta de mão de obra e do abandono da vila por parte dos habitantes envolvidos nas guerras contra os indígenas nesse momento.

No longo processo de construção e territorialização da edificação, a escolha do lugar não é aleatória, pois se define seu posicionamento “entre as casas de Diogo Teixeira e André Mendes”<sup>8</sup>. Existe, portanto, um direcionamento político específico no assentamento da matriz, pois ambos eram envolvidos ativamente com a Câmara naquele momento. Além disso, Diogo Teixeira e André Mendes atuavam com outros portugueses ali instalados na vila, na captura de indígenas durante as expedições realizadas em busca de ouro e pedras preciosas pelo interior do Brasil.

Não obstante todas as dificuldades de escassez de mão de obra para a construção da nova matriz, dificuldades essas relativas à falta de quem produzisse as telhas para cobrir a edificação durante a administração do referido pároco, a Câmara determina a construção da matriz “a quatro reaes o taipal”, comprometendo-se nessa obra os



construtores de então, Luiz Alvares e Domingos Luiz, possivelmente o mesmo Domingos Luiz que edificara a igreja da Luz<sup>9</sup>. Arroyo mostra a existência de mestres taapeiros atuando na construção da Vila de São Paulo de Piratininga, fato que revela um mercado de construção, ainda que incipiente. Além de determinar o preço a ser pago pela obra em taipa, a Câmara ainda contrata os mestres taapeiros para executarem a construção das paredes do corpo e da capela da nova igreja.

Entretanto, como a primeira capela erigida pelo pároco Lourenço Dias Machado não resiste à ação do tempo, no ano de 1598 uma nova igreja é iniciada no mesmo local, “pois ali haviam sido enterrados alguns moradores da vila”<sup>10</sup> e os próprios moradores passam a ajudar na construção dessa nova edificação. Ressalta-se que os enterramentos aconteciam dentro das igrejas, por não haver cemitérios na Vila de São Paulo de Piratininga naquele momento. Com o passar dos anos, novos padres foram surgindo na condução das atividades sacramentais do templo, porém, as condições de conservação e de construção da nova matriz pareciam não surtir bons resultados.

Na virada para o século XVII, no ano de 1600, a situação da matriz era muito precária devido ao abandono quase completo da construção. A custosa madeira destinada à construção permanece ao relento e quase apodrece. Com isso, a Câmara determina que escravos pertencentes aos habitantes, pois não havia indígenas para atuarem na construção<sup>11</sup>, bem como a população, atuem na construção da matriz, agora interditada pela Câmara<sup>12</sup>; e, em 1609, faltavam portas e janelas. Entretanto, a população se revolta ao lhe serem pedidos mais fundos para a finalização da infundável obra e, somente em 1612, a Matriz é inaugurada, após muitos atrasos e interrupções<sup>13</sup>.

Com o passar do século XVII e a virada para o XVIII, São Paulo se torna cidade a partir de um novo pedido direcionado à Coroa, pedido esse que incluía igualmente a criação do bispado de São Paulo. De fato, em 1711, a Vila de São Paulo de Piratininga cede lugar à criação da Cidade de São Paulo, marcando a territorialização definitiva da nova urbe, ainda que pequena e modesta. Com isso, a já antiga matriz passa a necessitar de novas reformas de ampliação e conservação, bem como passa a receber novos altares e imagens. Embora não mude de endereço, a matriz se desterritorializa e reterritorializa constantemente, e, primeiramente localizada entre as casas dos camaristas Diogo Teixeira e André Mendes, agora passa a integrar o espaço urbano, além de se tornar patrimônio da nova cidade.

O bispado de São Paulo é criado apenas mais de trinta anos depois pela bula *Candor Lucis Aeternae*, em 23 de dezembro de 1745, data em que o primeiro bispo de São Paulo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira (1695-1748), entra solenemente na cidade de São Paulo, porém na Igreja de São Pedro<sup>14</sup>. A menção à Igreja de São Pedro dos Clérigos se dá devido ao estado de ruína em que a matriz se encontrava desde 1741, o que impossibilitava a realização de qualquer ato religioso, ainda segundo Arroyo<sup>15</sup>. Quanto à localização da matriz durante o século XVIII, o autor propõe que



tenha sempre sido no mesmo local, pois uma nova reconstrução da matriz tem início a partir de 1745, com fachada assinada pelo ex-escravo e arquiteto prático Mestre Pedreiro Joaquim Pinto de Oliveira (1721-1811), conhecido como Tebas<sup>16</sup>. Aliás, aponta-se que Tebas teria sido o construtor da torre<sup>17</sup> da nova Matriz da Sé<sup>18</sup>. Assim, propõe-se nessa nova construção uma afirmação territorial na crescente cidade de São Paulo e sua existência em perpendicular à antiga Igreja de São Pedro dos Clérigos<sup>19</sup>.

Em se tratando das ressignificações desse patrimônio eclesiástico e de sua territorialização e desterritorialização, propõe-se um mecanismo contínuo de “iconoclastia de substituição”, tal qual David Morgan<sup>20</sup> define. Ao se demolir um edifício eclesiástico antigo para a construção de um novo, mesmo que isso aconteça exatamente no mesmo endereço, como se observa ao longo dos séculos, a Matriz da Sé vai ganhando novos contornos que surgem desde a primeira ermida até o século XVIII, quando a cidade de São Paulo ganha um bispado próprio e quando começa a avançar econômica e politicamente falando. As territorializações e desterritorializações acontecem de maneira contínua na cidade de São Paulo, com o avançar do tempo. Cumpre ressaltar, nesse processo histórico de longa duração, a questão do poder devido à glorificação dessa matriz no tecido urbano paulista.

A criação do bispado de São Paulo e a chegada de Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, que faz sua entrada na Igreja de São Pedro dos Clérigos, devido às péssimas condições de conservação da antiga matriz, fazem com que o novo bispo determine a reconstrução da mesma, que é concluída em 1764<sup>21</sup>. Nessa nova reconstrução, propõe-se um novo tipo de territorialização, no qual o templo religioso agora se torna matriz do bispado recém-criado. Assim, propõe-se a afirmação de mais um novo processo de territorialização e desterritorialização da antiga matriz, pois, mesmo mantendo a arquitetura colonial desde o início, cada construção e reconstrução feita produz resultados distintos para a matriz, gerando transformações advindas das alterações de gosto e do capital empregado, muito embora a Igreja seja regida pelo regime do Padroado até o século XIX, quando a Primeira República laiciza o Estado, pela Constituição de 1891 e a Reforma Ultramontana ou Romanizadora se instala em São Paulo. Salienta-se igualmente o crescimento da cidade de São Paulo e as reformas urbanísticas que começam a acontecer no século XIX, propiciadas pelo capital cafeeiro.

No ano de 1888, o então nono bispo de São Paulo, Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1826-1894), cuja administração inicia em 1871 e termina em 1894, participa de uma reunião, na qual se discute a construção de uma nova catedral, com a seguinte pauta: “o conjunto da Velha Sé, sólida na construção, mas alterada por várias reformas; o seu local, e a urgência de, em São Paulo, no seu vasto desenvolvimento, poder abrir novas avenidas, esmerando-se pelo urbanismo da cidade”<sup>22</sup>.



Nessa reunião surge pela primeira vez a ideia de se alterar o local da nova construção, pois as reformas urbanísticas da região central se tornam cada vez mais prementes, em função da expansão territorial da cidade, agora governada e administrada pelo crescente capital cafeeiro. Assim, surge o primeiro projeto para essa nova catedral desterritorializada de seu endereço original, pelo projeto do arquiteto Jules-Victor-André Martin (1832-1906), que projeta a nova catedral na antiga Praça dos Curros<sup>23</sup>, hoje Praça da República. Entretanto, esse projeto já havia sido tratado anteriormente no manuscrito Livro da Sé:

Em 1874, a decisão de construir uma nova igreja matriz para São Paulo aparece num livro manuscrito chamado Livro da Sé. Justifica-se o projeto pela doação de um terreno na Praça dos Curros, a atual Praça da República, para a nova matriz da cidade. O governo provincial autoriza a realização de uma loteria para a arrecadação de fundos para a construção. As anotações do Livro nos contam que houve várias idas e vindas nestas realizações, e o dinheiro arrecadado na loteria e em doações começa a ser contabilizado<sup>24</sup>.

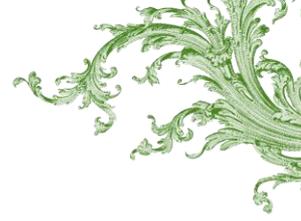
Desse modo, tem-se a idealização de um projeto a ser realizado em um terreno praticamente fora dos limites da cidade de São Paulo, projeto esse que não é levado adiante, conforme Ney de Souza revela:

O senador José Luís de Almeida Nogueira na sua mensagem enviada ao Senado fixava pontos para que a Velha Sé não fosse demolida, antes que a Nova fosse terminada. Afirmava o senador que a indenização pelo imóvel demolido seria equivalente ao total da construção da Nova Catedral; que a fiscalização da Nova construção fosse feita pela autoridade eclesiástica.

Esta era a opinião e o desejo do senador que ainda vivia no tempo do padroado régio, a quem competia tais compromissos. A primeira decepção sofrida na iniciativa foi a perda da soma de uma loteria concedida pelo governo imperial para a Nova Catedral. Era costume conceder loterias em benefícios de obras pias, colégios e igrejas. Tal disposição já era registrada desde 1815 até a última para a Nova Catedral. Caíndo o Império (1889) o governador do Estado de São Paulo, Prudente José de Moraes Barros, apoderou-se desta loteria, aplicando-a na construção da Escola Normal na Praça da República. Afirmava o governador que a igreja teria outros meios para construir o seu templo e que ele se sentia feliz por lançar a primeira pedra do primeiro templo de ensino<sup>25</sup>.

Assim, diante do confisco e desvio de função da loteria arrecadadora de verba, o projeto de construção da nova Catedral da Sé emperra e uma carta de protesto redigida pela Diocese de São Paulo é enviada ao governador Prudente José de Moraes Barros (1841-1902), sem que a quantia arrecadada fosse devolvida, de fato. Somente em 20 de novembro de 1909, o governador Manuel Joaquim de Albuquerque Lins (1852-1926) devolve “800 contos de reis em títulos de dívida pública”<sup>26</sup>. A devolução, aliás, se dá ao arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que havia se tornado primeiro arcebispo de São Paulo no ano anterior, em 1908.

A partir, então, da administração de Dom Duarte, a situação das igrejas paulistanas muda. Com sua forte atuação e pulso firme, o arcebispo se torna responsável pelas transformações profundas na cidade de São Paulo, transformações



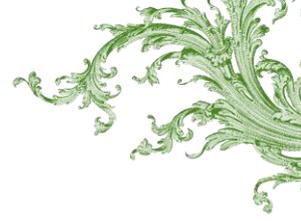
essas relativas ao patrimônio eclesiástico e sua nova territorialização. Novas igrejas são construídas, reconstruídas e/ou reformadas em um amplo processo iconoclasta de substituição das antigas igrejas e capelas de arquitetura colonial em taipa, que passam a ser erigidas com arquitetura historicista/revivalista em tijolos e movidas à luz elétrica. Dom Duarte institui, na cidade de São Paulo, a Reforma Ultramontana ou Romanizadora, reforma essa que já havia dado seus primeiros passos com bispos anteriores, como Dom Lino Deodato, mas que, com sua firme administração arcebispal, os novos templos que surgem na paisagem urbana tornam-se demarcadores do território urbano, por suas torres altas serem vistas de longe e por estarem construídas em pontos estratégicos da cidade de São Paulo. Exemplos disso são a Igreja de Santa Cecília e São José<sup>27</sup> e a Igreja de Nossa Senhora da Consolação e São João Batista<sup>28</sup>, ambas construídas em antigos caminhos, muitas vezes indígenas, como o de Piques, e que, apropriados pela estrutura urbana, levam do interior paulista a São Paulo, favorecendo, desse modo, a circulação de pessoas, ideias, bens de consumo e café, apesar das estradas de ferro existentes nesse momento. Assim, as pessoas saíam de São Paulo e voltavam passando pelas igrejas ali localizadas, e as torres dessas igrejas serviam de demarcadores territoriais urbanos, pelos quais os fiéis se orientavam geograficamente.

239

O exemplo máximo do projeto eclesiástico de Dom Duarte Leopoldo e Silva, nesse contexto, passa a ser a nova Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção, ou Catedral da Sé, cujo projeto é refeito e para o qual concentra todos os esforços. Então, de 1874 a 1911, poucos avanços são empreendidos para a construção da nova catedral, tendo o primeiro projeto fracassado. Entretanto, Dom Duarte acalenta o sonho de ver o apogeu de seu arcebispado na construção da nova catedral. Ressalta-se, nesse arco temporal compreendido entre 1874 e 1908, quando Dom Duarte assume o arcebispado, o fracasso das tentativas de se fazer algo a respeito, pois:

[...] o projeto da Catedral foi apenas acalentado nos curtos bispados de Dom Joaquim Arcoverde (1894-1897) e de Dom Antônio Candido Alvarenga (1899-1903). O curto bispado de Dom José de Camargo Barros (1904-1906) teve uma pequena iniciativa em relação às obras. Caberia a Dom Duarte realizar o plano de erguer a Catedral de São Paulo<sup>29</sup>.

Desse modo, no ano de 1911, após a cidade de São Paulo ter se tornado sede da Arquidiocese desde 1908, Dom Duarte assume para si o projeto da construção da nova catedral, tornando o projeto sua “missão espiritual”<sup>30</sup>. Vermeersch revela a existência do relato do arcebispo no Livro da Sé de 1911. Nele, Dom Duarte revela um sonho que teria tido de construir uma catedral gótica, estilo arquitetônico do novo e definitivo projeto. Assim, após muitas idas e vindas, o arcebispo consegue levar seu sonho e “missão espiritual”<sup>31</sup> adiante. Mas, para a concretização de seu projeto máximo, o antigo terreno na Praça da República não mais existia, pois a Escola Normal já havia sido construída no local, no ano de 1894, com a loteria de 1874.



Tornou-se necessária a escolha de um novo local: a antiga Praça da Sé. Para que a nova catedral fosse construída, toda a praça é remodelada, várias antigas construções são demolidas, inclusive a própria matriz, fato que causa indignação e polêmica, pois parte dos paulistanos desaprovam a ideia.

Além disso, nesse momento, a Praça da Sé passa por profundas transformações que causam outras demolições além da antiga matriz, como casas e comércios, bem como a Igreja de São Pedro dos Clérigos, o Recolhimento de Santa Teresa, o Convento do Carmo e a Igreja da Ordem Primeira de Nossa Senhora do Carmo. As ruas do entorno são alargadas, o traçado dos arruamentos é alterado para bem acomodar a nova cidade moderna, construída em adequação ao enriquecimento da cidade pelo capital cafeeiro<sup>32</sup>. Assim, a velha São Paulo colonial de ruas estreitas e com modestas construções erguidas em taipa se torna moderna, feita em tijolos, movida à luz elétrica e com linguagem historicista/revivalista. A cidade se agiganta adequando-se à nova territorialização moderna de São Paulo, regida pela luz e pelas linhas de bonde. Nesse sentido, Mateus Rosada propõe:

Fazia-se necessário ter uma igreja bem apresentável e, à medida que o povoado se desenvolvesse, suas igrejas deveriam demonstrar a riqueza do local. Se a primitiva ermida não correspondesse ao padrão de progresso da cidade, seria demolida para dar lugar a um novo templo que fosse mais condizente à situação e ao porte da povoação, conforme o pensamento da época<sup>33</sup>.

O projeto duartino, então, se adapta aos preceitos europeizantes dessa nova urbe, bem como responde integralmente aos anseios da Sé e sua Reforma Ultramontana destinada a ajustar as condutas da Igreja no Brasil, incluindo São Paulo. Assim, o novo território da cidade surge e a nova Catedral da Sé, projetada para ser vista de todos os cantos da cidade, vai ganhando terreno no imaginário do arcebispo. De um sonho que Dom Duarte teria tido, o novo projeto se funda pelos enormes esforços do arcebispo para a realização do mesmo.

No ano seguinte, Dom Duarte reúne no Palácio São Luiz, em 25 de janeiro de 1912, data do 358º aniversário da fundação de São Paulo, um grupo formado “pelos representantes mais notáveis das famílias paulistas”<sup>34</sup>, a fim de lhes anunciar seu novo projeto em um discurso:

Se os templos se edificam mais para os homens do que para Deus, que, colocado no santuário da sua inesgotável riqueza, nada reclama da nossa abundância, nós, católicos e paulistas, queremos uma catedral que seja um monumento de fé e um atestado da nossa grandeza, que seja uma escola de arte e um estímulo a pensamentos mais nobres e mais elevados, queremos uma catedral opulenta que, testemunhando a fartura de nossos recursos materiais, seja também um hino de ação de graças a Deus Nosso Senhor.

Saibam os paulistas de amanhã que a fibra do bandeirante, lutador e intímoro nas asperezas das selvas, não se enfraqueceu nos confortos da vida moderna, como não se entibiou a sua fé nos esplendores da ciência e da civilização.

Por uma lei histórica e fatal, São Paulo, que há de sempre caminhar na vanguarda, tem a cumprir uma missão política e



social, e a sua hegemonia, civil e religiosa, já não pode ser contestada.

Pois bem, o monumento artístico, que breve há de se erguer, na colina do venerando padre Anchieta, há de ser o selo dessa imensa e poderosa grandeza, e eu me ponho à frente desse tentâmen, com todo o calor da minha fé cristã, e com todo o entusiasmo da minha alma de paulista<sup>35</sup>.

Cumprido salientar no discurso de Dom Duarte o desejo de construir uma catedral que seja “um monumento de fé e um atestado de nossa grandeza, que seja uma escola de arte [...] uma catedral opulenta”<sup>36</sup>, isto é, sua opção pelo Gótico se atrela às questões de grandeza e de piedade, ao mesmo tempo<sup>37</sup>. Nesse processo de reconstrução territorial da nova catedral, Dom Duarte afirma-se de maneira inflamada como líder de uma “missão espiritual”<sup>38</sup> do projeto e das iniciativas da construção da nova catedral.

Assim, a partir do sonho que teria tido acerca de um templo gótico em terras bandeirantes, Dom Duarte e sua Comissão de Obras escolhem o projeto do engenheiro e arquiteto alemão Maximilian Emil Hehl (1861-1916)<sup>39</sup>.

Na sequência dos documentos do Arquivo da Cúria, no Livro numerado 23, com o título de Atas de Comissões de Obras, Adolpho Augusto Pinto, nomeado secretário de Dom Duarte na Primeira Sessão do Conselho Geral das Obras da Nova Catedral de São Paulo, reproduz o discurso do Arcebispo nesta ocasião, em fevereiro de 1912. Dom Duarte justifica o Neogótico do projeto de Hehl em duas direções: a primeira, que este estilo teria se desenvolvido junto com as devoções marianas (a Sé de São Paulo é dedicada a Nossa Senhora da Assunção) e a segunda, que tal partido arquitetônico seria condizente com a «modernidade» da São Paulo surgida com as grandes modificações do café, da imigração e da ferrovia. Apesar de ser um estilo histórico, de citação de séculos passados, o Gótico, para Dom Duarte, nunca teria deixado de ser belo, elegante e piedoso<sup>40</sup>.

A opção pelo projeto neogótico de Hehl se atrela a algumas questões relativas ao gosto da época, haja vista que há várias igrejas sendo construídas no Brasil e na Europa nesse momento, seguindo o referido estilo. Evoca-se também o passado glorioso das catedrais medievais, erguidas com todo fausto e “nobreza de elementos do estilo, como as ogivas e os vitrais”<sup>41</sup>. Ainda em relação à Comissão de Obras da nova Catedral da Sé, Monsenhor Sylvio de Moraes Mattos, assistente de Dom Duarte Leopoldo e Silva, aponta:

Na ocasião, o Arcebispo metropolitano nomeou uma Comissão Executiva, encarregada de dirigir as obras do novo templo. Presidida pelo Conde de Prates, esta comissão compunha-se de senhores da alta sociedade com influências políticas e de alto poder aquisitivo – condes, doutores, barões e coronéis. Entre as principais questões a serem administradas, estavam o local, os recursos e o projeto do templo<sup>42</sup>.

Nessa nova territorialização da Catedral da Sé, tanto se fundem elementos historicizados oriundos do resgate historicista/revivalista exemplificado pelo Neogótico, quanto se cria um novo discurso de modernidade vinculado ao progresso e crescimento de São Paulo, ambos propiciados pelo capital cafeeiro e pela ferrovia. Em tal discurso, salienta-se o combate ao passado colonial erigido em taipa, considerado atrasado pelos barões do café desejosos de uma urbe moderna e moldada



ao gosto europeu do momento e livre, portanto, de qualquer reminiscência da territorialização colonial. Assim, ao invocar “a fibra do bandeirante, lutador e intemorato nas asperezas das selvas, [que] não se enfraqueceu nos confortos da vida moderna (...)”<sup>43</sup>, Dom Duarte busca na figura do herói paulista a justificativa para a construção da nova catedral, propondo uma nova territorialização eclesiástica e urbana baseada na construção de uma narrativa histórica que se faz pela figura do herói e pela força motriz do paulista moderno, personagem de suma importância para o desenvolvimento de São Paulo, não obstante sua laicidade constitucional republicana.

Hehl, então, executa um projeto de gosto eclético mesclando a arquitetura gótica em sua vertente neogótica aos elementos da flora e da fauna brasileiras, questão essa que define a mais nova territorialização da nova catedral. Assim que o projeto é concluído, Hehl modifica-o várias vezes antes de levá-lo à Europa, a fim de submeter “seus planos à crítica dos mais autorizados mestres da Europa”<sup>44</sup>. No entanto, não se sabe quem seriam esses mestres até o presente momento, pois não há menção aos nomes na documentação<sup>45</sup>. Hehl falece em 1916, antes mesmo de ver a obra concluída, mas a planta passa por ajustes três anos antes, em 1913, quando “o arquiteto e paisagista francês Bouvard”<sup>46</sup> analisa o projeto. Após sua morte, o também engenheiro e professor da Escola Politécnica, Jorge Krugt (1887-1946), assume a obra até 1919, quando Alexandre Albuquerque (1880-1940) se responsabiliza pela construção até 1940, ano em que morre. Dom Duarte havia falecido dois anos antes, em 1938, e Dom José Gaspar de Afonseca e Silva (1901-1943) nomeia outros dois arquitetos: Nicolau Henrique Longo (1940-1950) e Luís de Anhaia Melo (1950-1954). A construção da nova Catedral da Sé leva décadas para ser concluída, apesar de ser inaugurada inacabada nas comemorações do IV Centenário da Fundação de São Paulo, em 25 de janeiro de 1954. A conclusão definitiva da catedral não havia ocorrido até o final da década de 90, faltando elementos das torres<sup>47</sup>.

Na longa história da construção da Catedral da Sé, encontram-se falta de dinheiro para fazer a obra, duas grandes guerras mundiais, 1914-1918 e 1939-1945, crise do café de 1929, duas revoluções de 1924 e 1932, além de toda a sorte de dificuldades geradas por acidentes durante a construção, que contabiliza quatro vítimas fatais, no desabamento de uma viga, em 24 de julho de 1914. Além disso, o granito encomendado teria origem prevista na Europa, porém, devido à guerra, o granito utilizado vem de Ribeirão Pires<sup>48</sup>, município localizado na Grande São Paulo. Entretanto, enquanto Ney de Souza<sup>49</sup> afirma que o granito foi adquirido em Ribeirão Pires devido à guerra, Diego Ferreira Ramos Machado aponta, em sua dissertação de Mestrado, a utilização do granito nacional em substituição ao europeu, após um naufrágio ocorrido na costa de Portugal, e o autor prossegue citando a iminência da guerra mundial e a substituição pelo granito nacional, sem prejuízo financeiro à construção<sup>50</sup>.



Dom Duarte previa inaugurar a nova Catedral da Sé em 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, marcando uma tentativa “de aproximação no período republicano da Igreja em relação ao Estado”<sup>51</sup>, fato esse que não ocorreu devido aos atrasos supramencionados.

Porém, a única parte da Catedral da Sé que é inaugurada, em 1919, por Dom Duarte, é a cripta, “uma verdadeira igreja subterrânea”<sup>52</sup>. Nela, encontram-se os restos mortais de todos os bispos de São Paulo, além dos restos mortais do índio Tibiriçá, conforme Ney de Souza:

Dom Bernardo Rodrigues Nogueira (1745-1748), Dom Frei Antônio da Madre de Deus Galvão (1750-1764), Dom Manuel da Ressurreição (1771-1789), Dom Mateus de Abreu Pereira (1795-1824), Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade (1827-1847), Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861), Dom Sebastião Pinto do Rego (1861-1868), Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1872-1894), Dom Antônio Candido de Alvarenga (1898-1903), Dom Jose de Camargo Barros<sup>53</sup> (1904-1906), Dom Duarte Leopoldo e Silva (1907-1938), Dom José Gaspar de Afonseca de Silva (1939-1943). Dom Jose Thurler, bispo auxiliar em São Paulo e Dom Paulo Evaristo Arns (1970 - 2016). [...]. Destaca-se na cripta o mausoléu, em relevo de bronze, de Tibiriçá, chefe indígena dos Guaianazes, que bem acolheu os primeiros jesuítas no planalto de Piratininga e com o seu auxílio possibilitou a fundação de São Paulo. Encontra-se também o mausoléu do padre Antônio Diogo Feijó, ministro da Justiça e Regente do Império, um dos consolidadores da Independência do Brasil<sup>54</sup>.

Assim, ainda em relação à desterritorialização e territorialização dos restos mortais dos bispos, salientam-se os traslados realizados a partir do Antigo Recolhimento de Santa Teresa, igualmente demolido no ano de 1917. Já os restos mortais de Tibiriçá, no ano de 1901, haviam sido transportados para a Igreja do Imaculado Coração de Maria, sendo trasladados para a cripta somente em 1933<sup>55</sup>.

A trasladação dos restos mortais dos bispos, de Tibiriçá e Padre Feijó vai muito além de um local mais digno de inumação para as figuras ilustres. Trata-se de uma importante e simbólica territorialização dos mesmos, pois corrobora na criação de uma narrativa eclesiástica e histórica que visa destacá-los enquanto atores construtores e testemunhos da construção da cidade republicana, marcando, nesse sentido, um forte processo histórico, político e religioso.

### **Alguns Meandros sobre a Territorialização da Catedral:**

Desse modo, dentro desse longo processo histórico de construções, reconstruções e demolições da Catedral da Sé ao longo dos séculos, cumpre destacar e analisar os meandros dessas transformações calcadas nos sentidos da territorialização e desterritorialização da antiga matriz tornada Catedral Metropolitana da Sé. Pelo secular histórico do templo, observam-se alterações históricas, políticas e sociais atreladas ao desenvolvimento da cidade e ao sistema da própria Igreja.

Do início de sua história de longa duração, que parte da petição dos primeiros 140 habitantes desejosos de possuir uma igreja para chamar de sua, no regime

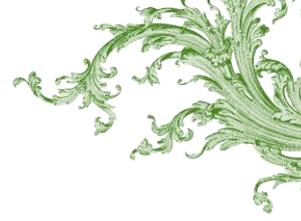


religioso vigente constituído pelo Padroado, no qual a Igreja é comandada pelo Império português, destacam-se as relações de poder associadas à territorialização da Vila de São Paulo de Piratininga. Propõe-se, desse modo, que, a cada reconstrução e reforma da antiga matriz, embora se conserve a tipologia construtiva colonial em taipa, assume-se um caráter de afirmação e reafirmação territorial, no qual a Igreja e o Império português determinam as práticas sociais, políticas e religiosas dessa mesma sociedade.

Com a Proclamação da República, no ano de 1889, a Igreja se desvincula completamente do Estado que, por sua vez, se torna laico a partir da Constituição de 1891. Tem-se, assim, uma alteração estrutural e territorial, política e histórica, além de teológica, pois parte-se de um patrimônio colonial em taipa regido pelo Padroado, para uma tipologia arquitetônica neogótica propiciada pela Reforma Ultramontana, reforma essa que visa ajustar as práticas religiosas, eliminando santos populares e festas não reconhecidas pela Santa Sé, além de preconizar a força simbólica e teológica da Igreja enquanto instituição e transformar essa nova Igreja em mecanismo de controle social e territorial, tendo o arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, como digno representante papal<sup>56</sup>. Assim, de uma territorialização mais modesta, localizada em um espaço urbano restrito, chega-se a uma nova territorialização republicana e moderna, moldada ao gosto europeu, embora haja adaptações ao modo brasileiro, pela inserção de elementos da fauna e flora brasileira na Catedral da Sé, como “o cacau, o sapo-boi, o tatu-bola, a salamandra, a samambaia, o milho, o caju, o café, o maracujá e muitas outras riquezas da biodiversidade brasileira”<sup>57</sup>.

Quando Dom Duarte realiza seu discurso de 1912, ressalta sua “alma de paulista”<sup>58</sup> para erguer seu majestoso projeto na “colina do venerando padre Anchieta”<sup>59</sup>, local esse emblemático da presença da Igreja e seu primeiro padre jesuíta, fundador da Vila de São Paulo de Piratininga, em 1554. Por suas palavras, “lutador e intemorato nas asperezas das selvas (...)”<sup>60</sup>, percebe-se o quanto o arcebispo se investe de coragem, heroísmo e força, exaltando a força do bandeirante paulista, para levar adiante o projeto máximo de sua administração ultramontana, pois a Catedral da Sé integra, na realidade, um conjunto de 35 novas igrejas de arquitetura revivalista/historicista erguidas na cidade de São Paulo<sup>61</sup>, marcando um arcebispado fundado na desterritorialização colonial e na nova territorialização urbana eclesiástica republicana, processo esse calcado na “iconoclastia de substituição”<sup>62</sup>, na qual as antigas igrejas coloniais são demolidas, a fim de serem reerguidas com tipologias arquitetônicas neorromânicas, como a Igreja de Santa Cecília e São José<sup>63</sup>, ou neogóticas, como a Catedral da Sé, objeto do presente estudo.

Na previsão da inauguração da nova Catedral, em 1922, ano do Centenário da Independência, fato que não ocorreu, Ney de Souza defende a tentativa de aproximação da Igreja ao Estado republicano<sup>64</sup>. Por essa tentativa de aproximação, cumpre ressaltar algumas possíveis aproximações duartinas com Affonso



d'Escragnolle Taunay (1876-1958), diretor do Museu Paulista de 1917 a 1945, bem como com outros historiadores membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), pois Dom Duarte era um dos membros do instituto. Nessas possíveis aproximações, propõe-se a criação de uma narrativa histórica de São Paulo, na medida em que Taunay encomenda a artistas, como Benedito Calixto de Jesus (1853-1927), a criação de um conjunto de pinturas a óleo sobre tela para serem executadas, a partir das fotografias de Militão Augusto de Azevedo (1837-1905), para o *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo*, representando a cidade na transformação de seu tecido urbano.

Dom Duarte também encomenda ao mesmo artista uma série de pinturas acerca do patrimônio eclesiástico colonial já demolido, ou ainda existente, como o Recolhimento da Luz<sup>65</sup>. Por essas iniciativas de Taunay e de Dom Duarte, percebe-se a tentativa de criação de um discurso historicizado do patrimônio, aliás <sup>66</sup>. Trata-se, dessa maneira, de uma dupla chave interpretativa, pois ao mesmo tempo em que a nova catedral<sup>67</sup> é construída como emblema máximo da administração arcebispa de Dom Duarte, e a nova Praça da Sé é reconfigurada como “modelo ideal de cidade moderna”<sup>68</sup>, têm-se esses dois conjuntos complementares de pinturas calixtianas dedicadas ao antigo patrimônio territorializado e centrado na tipologia colonial em taipa, território composto por ruas estreitas e igrejas demolidas, como a de Nossa Senhora dos Remédios<sup>69</sup>, por exemplo.

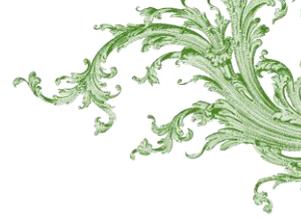
Maria Stella Bresciani<sup>70</sup> define nessa nova territorialização da Catedral da Sé e de seu entorno um projeto modernizador atrelado às ideias “de progresso, e também de circulação, monumentalidade, embelezamento, civilidade e urbanidade”<sup>71</sup>, bem como “de uma cidade ideal, moderna e higiênica”<sup>72</sup>. Nesse projeto duartino, encontram-se tanto as bases da afirmação republicana favorecidas pelo capital cafeeiro, conforme supramencionado, além de uma territorialização eclesiástica ultramontana, que caminha na direção da criação de um território de fé moderno, potente, majestoso e elevado aos céus pelas ogivas neogóticas projetadas por Maximilian Emil Hehl.

Percival Tirapeli destaca outra questão fundamental no processo da desterritorialização e territorialização da Catedral da Sé, que:

Faz parte de um projeto de implantação de um novo centro histórico iniciado na segunda década do século modernista que intencionava implantar um novo centro administrativo e político a partir do centro antigo que se expandia para o centro novo para os lados da Praça da República<sup>73</sup>.

Assim, nesse intrincado processo de construção de uma nova territorialização moderna da Catedral da Sé, apontam-se caminhos convergentes de história, arte, fé, política e, principalmente de criação do monumento máximo de São Paulo.

Outra questão fundamentalmente simbólica atrelada ao projeto da Catedral se refere à implantação do edifício na nova Praça da Sé, tendo sua fachada voltada para a Sé de Roma; não se tratando, pois, de uma formalidade, mas, sim, de um discurso voltado tanto à glorificação da nova e moderna catedral, quanto de um projeto que



visa aproximar e unir a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Assunção às catedrais europeias góticas e neogóticas, “em conjugação com todo mundo católico Ocidental, no qual as catedrais góticas foram aclamadas como uma volta ao passado glorioso da Igreja medieval”<sup>74</sup>. Salienta-se, ainda, na orientação da fachada à Sé de Roma, um processo de aceitação e seguimento dos preceitos Ultramontanos da Igreja, portanto.

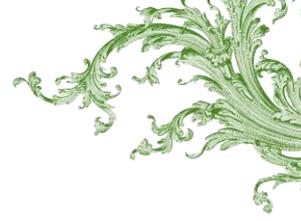
### **Desterritorialização dos Bens Móveis da Antiga Matriz:**

Quando a Antiga Matriz da Sé é demolida no ano de 1912, alguns de seus bens móveis eclesiais são transferidos. No teto da nave da Matriz havia uma pintura a óleo sobre tela de Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899) representando a iconografia da *Conversão de São Paulo a Caminho de Damasco* (c.1888). Originalmente, essa pintura de grande formato<sup>75</sup> havia sido encomendada pela Cúria Metropolitana de São Paulo, a fim de ser instalada na antiga Matriz; e, com a demolição, a pintura tem sua transferência definitiva para o acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, onde permanece conservada até os dias atuais. Salienta-se que a pintura é encomendada a fim de exaltar o padroeiro da cidade, e o artista o representa no momento máximo de sua conversão, quando um forte raio de luz cega o soldado romano, enquanto rumava a Damasco. A presença do soldado romano São Paulo no teto da nave da matriz promove a aproximação do fiel ao soldado de Cristo, pois, segundo a teoria arquitetônico-teológica de Pietro di Giacomo Cataneo<sup>76</sup>, a nave da Igreja simboliza as pernas de Cristo<sup>77</sup>. Assim, se busca convencer o mesmo fiel frequentador da antiga matriz a se tornar soldado da Igreja, igualmente, atuando na difusão da fé cristã por onde quer que vá.

Ainda a respeito da demolição da antiga matriz, Arroyo lamenta a perda de imagens pertencentes à antiga matriz:

[...] velhas imagens se perderam, ao que parece, nessas andanças da Catedral de São Paulo, como a do Senhor Bom Jesus, a de São Jorge, de tão caras tradições processionais, e a de Santa Rita de Cássia. A última notícia desta imagem de Santa Rita de Cássia foi a que esteve (sic) na Igreja de N. S. dos Remédios<sup>78</sup>.

No entanto, o Museu de Arte Sacra de São Paulo<sup>79</sup> possui, em seu rico acervo, pelo menos algumas das imagens pertencidas à antiga Matriz da Sé e, quando de sua demolição, no ano de 1912, os bens eclesiais móveis são transferidos por Dom Duarte para o Museu da Cúria, criado por ele próprio, a partir de 1909, com a finalidade de salvaguardar o patrimônio eclesial de São Paulo, em risco de desaparecimento. Assim, por exemplo, no acervo do referido Museu, encontram-se uma escultura de *São Miguel* em madeira policromada, além do *São Jorge Equestre*, que Arroyo<sup>80</sup> acredita ter sido perdida. Em relação às outras imagens citadas por Arroyo, uma pesquisa mais aprofundada é necessária para que se descubra o paradeiro das



mesmas, muito embora possam pertencer ao Museu de Arte Sacra de São Paulo ou estejam em outras igrejas até os dias atuais.

Outra importante desterritorialização da antiga Matriz da Sé ocorre pela transferência de seu altar-mor para a Igreja da Imaculada Conceição dos Capuchinhos<sup>81</sup>, e que, para ser instalado na igreja, passa por uma reforma e adaptação completas<sup>82</sup>. Assim, salientam-se os processos de desterritorialização e territorialização que ocorrem tanto dentro quanto fora da Matriz, com a demolição de 1912.

### Considerações finais:

Portanto, o longo processo de territorialização e desterritorialização da Catedral da Sé, que passa por profundas transformações desde os tempos coloniais de sua primeira ermida até sua construção definitiva, a partir de 1913, é caracterizado por nuances históricas, políticas, simbólicas e eclesiais muito bem engendradas, conforme se observa durante sua trajetória existencial, caracterizada por reformas, demolições e reconstruções fundamentadas em discursos historicizadamente marcados por seus atores sociais, tendo como expoente máximo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que assume para si o papel do “bandeirante, lutador e intemorato nas asperezas das selvas,” que não se enfraqueceu nos confortos da vida moderna, como não se entibiou a sua fé nos esplendores da ciência e da civilização”<sup>83</sup>, para construir uma catedral que se equiparasse às catedrais europeias e se tornasse símbolo de São Paulo, como é até os dias atuais.

### Notas e Bibliografia

<sup>1</sup> MORGAN, David. **The Sacred Gaze - Religious Visual Culture in Theory and Practice**. Berkeley: University of California Press, 2005.

<sup>2</sup> DANTAS, Arruda. **Dom Duarte Leopoldo**. SP: Sociedade Imprensa Pannartz, 1974.

<sup>3</sup> O Museu da Cúria foi criado, entre 1908 e 1909, por Dom Duarte Leopoldo e Silva, com a finalidade de salvaguardar o patrimônio religioso, sacro e documental das antigas igrejas e capelas coloniais de São Paulo, em ruínas e/ou em vias de demolição. A intenção de Dom Duarte foi a de evitar a perda, destruição e extravio dos bens móveis da Igreja. Assim, sua intenção primeira não foi curatorial, mas sim de salvaguarda e proteção desse patrimônio.

<sup>4</sup> A Coroa portuguesa controlava a Igreja pelo regime do Padroado.

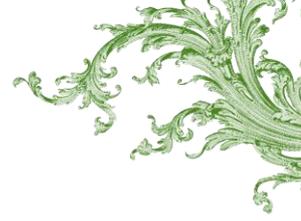
<sup>5</sup> Em 1592, chegam os carmelitas. Os beneditinos, no ano de 1598, e os franciscanos, em 1640.

<sup>6</sup> Cumpre ressaltar que os milhares de indígenas não integram a contagem, por não serem considerados cidadãos.

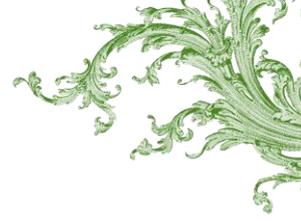
<sup>7</sup> SOUZA, Ney de (org.). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo (1554-2004)**. SP: Paulinas, 2004, p. 31.

<sup>8</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 29.

<sup>9</sup> ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade**. SP: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 313.



- <sup>10</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 41.
- <sup>11</sup> ARROYO, *op.cit.*, p. 313-314.
- <sup>12</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 63-64.
- <sup>13</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 79.
- <sup>14</sup> ARROYO, *op.cit.*, p. 314.
- <sup>15</sup> ARROYO, *op.cit.*, p. 314.
- <sup>16</sup> CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. **TEBAS – Vida e Atuação na São Paulo Colonial. Resgate – História e Arte II.** s/d, p. 5. Disponível em: <https://sites.google.com/site/resgatehistoriaearte>. Acesso em: 05 set. 2021.
- <sup>17</sup> Tebas também executa o projeto e a construção da torre da Igreja do Recolhimento de Santa Teresa, além da fachada e ornamentos do conjunto do Carmo, da fachada da Igreja de Ordem Terceira do Seráfico Pai de São Francisco, faz trabalhos de recuperação da Igreja do Mosteiro de São Bento e constrói o Chafariz do Largo da Memória, demolido em 1866.
- <sup>18</sup> FERREIRA, Abílio (org.). **Tebas: um negro arquiteto na São Paulo escravocrata** (abordagens). SP: IDEIA, 2018, p. 7.
- <sup>19</sup> Leonardo Arroyo afirma que a antiga Igreja de São Pedro dos Clérigos está onde se vê atualmente o edifício da Caixa Econômica Federal e que a antiga Matriz da Sé ficava em paralelo à Rua da Cruz Preta, atual Rua Quintino Bocaiúva. Hoje, no local onde era a matriz, se vê uma edificação com bar no térreo e hotel nos pavimentos superiores desse bar. ARROYO, *op.cit.*, p. 316.
- <sup>20</sup> MORGAN, *op.cit.*
- <sup>21</sup> SOUZA, Ney de. Catedral de São Paulo: Fé, Arte e Política. **Cordis. A Cidade e a Arquitetura Sacra**, São Paulo, n. 17, p. 1-2, jul./dez. 2016. ISSN 2176-4174, 2016, p. 129.
- <sup>22</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 130.
- <sup>23</sup> A Praça dos Curros era o local dos currais da cidade de São Paulo e ficava praticamente fora dos limites urbanos naquele momento.
- <sup>24</sup> VERMEERSCH, Paula. A CONSTRUÇÃO DA CATEDRAL DA SÉ, SÃO PAULO, 1913–1954, p. 221-228. In: BORNGÄSSER, Barbara; KLEIN, Bruno. (Org.). **Neugotik Global Kolonial-Postkolonial**. 1ed. Madrid: Iberoamericana Vervuert, 2020, p. 221.
- <sup>25</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 131.
- <sup>26</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 132.
- <sup>27</sup> PHILIPPOV, Karin. **A Obra Religiosa de Benedito Calixto de Jesus Através do Mecenato Religioso de Dom Duarte Leopoldo e Silva na Igreja de Santa Cecília**. Tese de doutorado em História da Arte apresentada à IFCH/UNICAMP. Campinas, 2016, p. 119. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321421>. Acesso em: 04 set. 2021.
- <sup>28</sup> PHILIPPOV, Karin. As Igrejas de Santa Cecília e de Nossa Senhora da Consolação: dois exemplos de política de preservação das igrejas revivalistas de São Paulo. In: BRANDÃO, Angela; TATSCH, Flavia Galli; DRIEN, Marcela (ORGS.). **Política(S) na História da Arte: redes, contextos e discursos de mudança**. SP: Programa de Pós-Graduação em História da Arte, UNIFESP, 2017, p. 156-164.
- <sup>29</sup> SOUZA, *op.cit.*, p.132.
- <sup>30</sup> VERMEERSCH, *op.cit.*, 2020, p. 222.
- <sup>31</sup> VERMEERSCH, *op.cit.* 2020, p. 222.
- <sup>32</sup> TIRAPELI, Percival; PEREIRA, Danielle dos Santos. **Patrimônio Sacro na América Latina: arquitetura, arte e cultura no século XIX**. SP: Arte Integrada; UNESP, Instituto de Artes; ASSEER, Faculdade de São Bento de São Paulo, 2017, p. 115.
- <sup>33</sup> ROSADA, Mateus. **Sob o Signo da Cruz: Igreja, Estado e secularização (Campinas e Limeira 1774-1939)**. Dissertação de mestrado apresentada à EE-UFSCar. 2011, p.102. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-19102011-150912/pt-br.php>. Acesso em: 05 set. 2021.
- <sup>34</sup> CANDEIAS, Nelly Martins Ferreira. Dom Duarte Leopoldo e Silva – O Arcebispo. **Revista do IHGSP**, volume CI, 2017, p.20.



<sup>35</sup> O discurso proferido por Dom Duarte Leopoldo e Silva, em 25 de janeiro de 1912, conhece várias reproduções. Aqui, opta-se em reproduzir a versão da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Nelly Martins Ferreira Candeias, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entre 2002 e 2017, e Presidente de honra do IGHSP desde 2017 até seu falecimento, em 27 de janeiro de 2021. Além de homenageá-la, salienta-se a escolha dessa versão por se tratar de um dossiê de homenagem a Dom Duarte Leopoldo e Silva, publicada em 2017. Dentre as várias versões em que o discurso duartino é reproduzido, cita-se o Esboço Biographico escrito por Julio Conceição, em 1929, além do Jornal Correio Paulistano, que publica seu discurso igualmente. CANDEIAS, *op.cit.*, p. 20.

<sup>36</sup> CANDEIAS, *op.cit.*, p. 20.

<sup>37</sup> VERMEERSCH, *op.cit.*, p. 223.

<sup>38</sup> VERMEERSCH, *op. cit.*, p. 222.

<sup>39</sup> Formado pela Escola Politécnica de Hannover, o alemão Maximiliano Hehl, nascido em 1861, somente chegou ao Brasil em 1888, incentivado por seu irmão Rudolf, também engenheiro, para trabalhar durante dois anos como membro da equipe de engenheiros da estrada de ferro Bahia – Minas. Passou a viver em São Paulo, mas foi, somente em setembro de 1896, que Maximiliano Emílio Hehl ingressou como professor substituto na Escola Politécnica, onde teve a oportunidade de lecionar disciplinas como História da Arquitetura e Estudos dos Estilos Diversos, no curso de engenheiro-arquiteto. RAMIREZ & LINDENBERG NETO, Henrique. De Igreja de Taipa a Catedral: aspectos históricos e arquitetônicos da igreja matriz da cidade de São Paulo. **Pós**, v. 21 n. 35, São Paulo, junho 2014, p. 186-199, p. 161-162.

<sup>40</sup> VERMEERSCH, *op.cit.*, p. 223.

<sup>41</sup> VERMEERSCH, *op.cit.*, p. 225.

<sup>42</sup> MATTOS, Monsenhor Sylvio de Moraes. **A Nova Catedral de São Paulo**. São Paulo, 1982, s/n.

<sup>43</sup> CANDEIAS, *op.cit.*, p.20.

<sup>44</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 136.

<sup>45</sup> ORTEGA, Bianka Tomie. O Neogótico e o Brasil Romântico: a catedral metropolitana de São Paulo. In: TIRAPELI, Percival; PEREIRA, Danielle dos Santos. **Patrimônio Sacro na América Latina: arquitetura, arte e cultura no século XIX**. SP: Arte Integrada; UNESP, Instituto de Artes; ASSEER, Faculdade de São Bento de São Paulo, 2017, p. 99-108, p. 105.

<sup>46</sup> Joseph Bouvard (1840-1920). TIRAPELI, *op.cit.*, p. 115.

<sup>47</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 138.

<sup>48</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 136.

<sup>49</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 136.

<sup>50</sup> MACHADO, Diego Ferreira Ramos. **Análise das Rochas da Catedral Metropolitana de São Paulo por Métodos Não Destrutivos e o seu Potencial para Geologia Eclesiástica**. Dissertação de mestrado em Mineralogia e Petrologia apresentada ao Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 32.

<sup>51</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 137.

<sup>52</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 140.

<sup>53</sup> A propósito de Dom José de Camargo Barros, falecido no naufrágio do Sírío, seu corpo jamais foi encontrado.

<sup>54</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 141-142.

<sup>55</sup> ARROYO, *op.cit.*, p. 26.

<sup>56</sup> PHILIPPOV, *op.cit.*, 2016, p. 30.

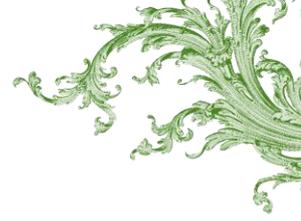
<sup>57</sup> PINTO, A.A. **A Cathedral de São Paulo**. São Paulo: Empreza Graphica da Revista dos Tribunaes, 1930.

<sup>58</sup> CANDEIAS, *op.cit.*, p. 20.

<sup>59</sup> CANDEIAS, *op.cit.*, p. 20.

<sup>60</sup> CANDEIAS, *op.cit.*, p. 20.

<sup>61</sup> Igrejas de Santa Cecília e São José, Nossa Senhora da Consolação e São João Batista, Nossa Senhora da Conceição e Santa Ifigênia, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, Santo Agostinho, São Geraldo das Perdizes, Nossa Senhora da Saúde, Imaculado Coração de Maria, Imaculado Coração dos Capuchinhos, Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário de Fátima,



Nossa Senhora da Paz, São Judas Tadeu, Bom Jesus de Matosinhos do Brás, Nossa Senhora do Belém, Nossa Senhora do Carmo, Santa Generosa (hoje demolida e reconstruída em tamanho bem menor), Nossa Senhora Achiropita, Nossa Senhora do Rosário de Pompéia, São Paulo do Calvário, Santa Teresinha, São José do Ipiranga, Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus de Vila Formosa e Basílica Abacial de Nossa Senhora da Assunção do Mosteiro de São Bento, para apenas citar algumas.

<sup>62</sup> MORGAN, *op.cit.*, 2005.

<sup>63</sup> PHILIPPOV, *op.cit.*, 2016.

<sup>64</sup> SOUZA, *op.cit.*, p. 137.

<sup>65</sup> PHILIPPOV, Karin. Entre a cidade de São Paulo do passado e a do presente na representação da paisagem urbana de Benedito Calixto de Jesus. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 28, p. e020011, 2020. DOI: 10.20396/resgate.v28i0.8654980.

Disponível em:  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8654980>.

Acesso em: 5 set. 2021.

<sup>66</sup> GRIMALDI, Marco Fábio Cunha. **A Pintura como Tradução da Fotografia: Affonso Taunay e o uso da obra de Militão de Azevedo para a construção de uma identidade paulista**. Dissertação de mestrado em Artes Visuais apresentada à EFLCH/Unifesp. Guarulhos, 2019.

<sup>67</sup> SILVA, Aline Canuto da. **Demolições no Complexo da Sé de São Paulo: construindo uma história social das transformações espaciais paulistanas**. Bacharelado e licenciatura em História apresentado à EFLCH/Unifesp. Guarulhos, 2019.

<sup>68</sup> BRESCIANI, M. Stella. Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950). In: BRESCIANI, M. Stella (Org.). **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2001, p. 345.

<sup>69</sup> A Igreja de Nossa Senhora dos Remédios era localizada na atual Praça João Mendes.

<sup>70</sup> BRESCIANI, *op.cit.*, 2001.

<sup>71</sup> BRESCIANI, *op.cit.*, p. 345-347.

<sup>72</sup> BRESCIANI, *op.cit.*, p. 345-347.

<sup>73</sup> TIRAPELI, *op.cit.*, p. 115.

<sup>74</sup> TIRAPELI, *op.cit.*, p. 115.

<sup>75</sup> *A Conversão de São Paulo a Caminho de Damasco* mede 378 x 460 cm. LOURENÇO, Maria Cecília França & NASCIMENTO, Ana Paula. **Almeida Júnior: um criador de imaginários**. Catálogo da Exposição realizada pela Pinacoteca do Estado de São Paulo. SP: Pinacoteca do Estado, 2007.

<sup>76</sup> CATANEO, Pietro di Giacomo. Libro Terzo di Architettura. In: **I Quattro Primi Libri di Architettura di Pietro Cataneo Senese**. Vinegia [Veneza]: Casa de Figliuoli di Aldo, 1554.

<sup>77</sup> Interpretação oriunda do esquema de Pietro di Giacomo Cataneo, que elabora a teoria na qual o corpo de Cristo simboliza a planta da igreja, estando suas pernas na nave, os braços abertos no transepto, a cabeça no presbitério e o coração, na cúpula da igreja. CATANEO, *op.cit.*, 1554.

<sup>78</sup> ARROYO, *op.cit.*, p. 26.

<sup>79</sup> COUTINHO, Maria Inês Lopes (org.). **Museu de Arte Sacra de São Paulo**. SP: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2014.

<sup>80</sup> COUTINHO, *op.cit.*

<sup>81</sup> Igreja de arquitetura neorromânica construída por Dom Duarte Leopoldo e Silva, a partir de 1909 e localizada na Avenida Brigadeiro Luís Antonio, na cidade de São Paulo.

<sup>82</sup> ARROYO, *op.cit.*, p. 294.

<sup>83</sup> CANDEIAS, *op.cit.*, p. 20.

Artigo enviado para publicação: 11/09/2021

Artigo aceito para publicação: 18/11/2021